

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



11 - Dezembro - 1965

" GUERRA E HUMANIDADE "

(" Ningen no Joken ")

FICHA TÉCNICA

Realização — Masaki Kobayashi

Argumento e roteiro — Zenso Matsuyama e Masaki Kobayashi, sobre o romance «A Condição humana» de Jumpei Gomikawa

Fotografia — Yoshio Miyajima

Música — Tadashi Kinoshita

Interpretação — Tatsuya Nakadai, Michiyo Aratama, Tika-gue Awashima, Keiji Sada, Ineko Arima

Produção — Shochiku, 1960

— Copa Pasinetti e Prêmio San Giorgio no Festival de Veneza de 1960

Escrevendo sobre o festival de Veneza de 1960 em «Télé-Ciné», Gérard Marroncle lembra que se «Guerra e humanidade» não teve a honra de figurar na premiação oficial, felizmente foi distinguido por um júri paralelo, o da «cultura e civilização», pois de todos os filmes projetados fôra o que mais impressionara: um testemunho vibrante, corajoso e dramático contra a desumanidade da guerra.

Seu realizador, Masaki Kobayashi, era, até então, um cineasta desconhecido no Ocidente, embora tivesse começado sua carreira de diretor desde 1952, após ter sido o melhor discípulo e assistente de um dos grandes veteranos do cinema japones, Keisuke Kinoshita, o autor admirável de «Murmúrios do rio Fuefuki» (exibido, na Bahia, no Cine Nazaré).

Três anos depois, em Cannes, «Harakiri» já seria não apenas oficialmente premiado mas daria a Kobayashi uma consagração unânime da crítica e do público.

Certamente o filme mais longo da história, suas quase dez horas de projeção dividindo-se em diversas épocas, «Guerra e humanidade» é uma tragédia moderna. Mas, nem por ser tragédia, quer dizer, uma obra paroxística, perde o seu caráter documental.

Como disse Ermetes Ciochetti, aqui a temática não é o homem, porém a procura do homem. Embora jamais perca o sentido crítico, esse filme «é uma entidade fora da natureza física do real», «sua criação não se deve a impulsos românticos, mas à tentativa de cientificação do pensar e do agir do homem». «Antes de ser uma narrativa fílmica, é um estudo histórico», «um sistema de narração que permite recriar a História antes do indivíduo, em que a História explica o personagem». Significa afirmar: «é um momento histórico que está sendo recriado».

Preocupado pela entologia, mas igualmente pela ética, Kobayashi fez de «Guerra e humanidade» um requisitório contra o pessimismo, o medo e a crueldade, essas «armas dos deuses contra nós». Se há uma vitória em «Ningen no Joken», esta será uma vitória do humanismo, a certeza de que seus opositores sairão afinal derrotados.

Enquanto em «Harakiri» a tragédia na aparência se passa séculos atrás, numa sociedade feudal em declínio, mas cujas implicações contemporâneas são evidentes, em «Guerra e humanidade» a própria ação tem sua latitude em fatos próximos, na Mandchúria ocupada pelos japoneses em 1943. Não é, assim, Kobayashi um autor de filmes de samurais, cujo exotismo pudesse fascinar os espectadores do Ocidente. Seu próprio realismo feroz não temeria mesmo se aproximar de cineastas euro-americanos do estilo de Eric von Stroheim. E quem tenha visto «Harakiri», com a extraordinária cena da morte do jovem samurai ferido pelo sabre de madeira, não se espantará das visões cruas e diretas de «Guerra e humanidade».

Não se deve esquecer que, neste como no outro filme, Kobayashi pôde contar com um ator como raros há no mundo: Tatsuya Nakadai. Seu jôgo interpretativo divide-se paradoxalmente entre um ritmo frenético e uma sobriedade pausada, de acôrdo com cada momento. E a extrema complexidade de Kagi, o personagem de «Ningen no joken», lhe exige ainda mais aprofundamento e virtuosismo do que o guerreiro de «Seppuku».

da

Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

«Guerra e humanidade» (2a. parte)

«A juventude de Chopin», de A. Ford